

Por um mundo mais seguro

A crise mundial coloca em evidência a responsabilidade das empresas na busca e construção de uma sociedade mais justa

Os recentes acontecimentos mundiais, envolvendo os atentados terroristas nos Estados Unidos e suas conseqüências, colocam para todas as pessoas, as instituições, as organizações a premente necessidade de reflexão sobre o seu papel na sociedade. Nos últimos anos, o processo de globalização foi acelerado graças, sobretudo, ao extraordinário progresso tecnológico, à revolução na produção, informação e comunicação. Durante muito tempo, o mundo ficou entretido nesse movimento. Estados e empresas procuraram se adaptar à nova realidade, sem abrir muito espaço para a discussão sobre riscos e oportunidades que surgiam. A atual crise talvez traga um efeito benéfico em meio ao mar de tragédia: o senso de urgência para a resolução de alguns dos mais críticos problemas sociais e ambientais.

Os institutos de pesquisa, os organismos internacionais, a imprensa não cansam de alertar sobre a possibilidade de ocorrência, ainda neste século, de um colapso ambiental. Atualmente, menos de 20% do planeta são cobertos por florestas e a demanda por madeira é maior do que nunca. Ao destruir florestas, também erradicamos espécies inteiras de plantas e animais. Estimativas recentes sugerem que cerca de 10 000 espécies desaparecem a cada ano. Metade dos 20 milhões de toneladas de gás carbônico que liberamos anualmente permanece no ar, causando o efeito estufa e o aumento da temperatura da Terra.

O quadro social global -- apesar de avanços pontuais -- também é preocupante. A diferença entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres do planeta era de 11 vezes em 1913, passou para 30 vezes em 1960, para 60 vezes em 1990 e para 74 vezes em 1997. Vinte por cento da população mundial detém 86% da renda. Essas mesmas pessoas concentram 74% das linhas telefônicas e 93% da utilização da Internet. Há vários anos, todos os estudos dos departamentos de segurança dos países mais ricos apontam para a expansão irremediável de armas nucleares, químicas e biológicas nas mãos de número crescente de países e organizações criminosas. A escassez de recursos naturais vai acirrar os conflitos. O imenso contingente de pessoas desesperadas e desesperançadas,

vivendo na miséria sem praticamente nada a perder, sentindo-se excluídas e injustiçadas, oferece uma massa de manobra formidável para qualquer grupo terrorista. Um estudo da CIA americana, citado num recente artigo do economista Jeffrey Sachs publicado na revista *The Economist*, aponta três fatores para a desestabilização de países e regiões: regimes autoritários, a ausência de abertura econômica e os altos índices de mortalidade infantil.

A falta de estabilidade política e social é, como se sabe, uma ameaça à sociedade e, por tabela, ao mundo dos negócios. Não há prosperidade possível num mundo aterrorizado, sob constante ameaça. Essa constatação tem ajudado na redefinição do papel das empresas. Até poucas décadas atrás, as grandes corporações se preocupavam, basicamente, em oferecer produtos e serviços a seus clientes. Seus acionistas faziam filantropia de forma individual, dependendo de sua visão social e de seus recursos. Posteriormente, as corporações também passaram a empreender ações sociais na comunidade. Atualmente, a responsabilidade social empresarial se incorpora à gestão e abrange todas a cadeia de relacionamento: funcionários, clientes, fornecedores, investidores, governo, concorrentes, acionistas, meio ambiente e a sociedade em geral. Essa evolução tem acompanhado as expectativas do próprio mercado.

O setor empresarial é o mais poderoso da sociedade. Possui imensos recursos financeiros, tecnológicos e econômicos. A mídia, a indústria cultural e o setor de propaganda são controlados na sua quase totalidade por empresas privadas. As corporações formam valores culturais e influenciam o comportamento da maior parte da população, de políticos e governantes. Mas seu grande poder implica em uma grande responsabilidade. Apenas a responsabilidade social é capaz de promover uma drástica transformação no quadro humano e ambiental brasileiro e mundial. É fundamental que haja essa mudança nas prioridades da agenda de nossa sociedade, colocando em primeiro lugar, não no discurso mas nas ações, os temas sociais e ambientais.

James Wolfensohn, presidente do Banco Mundial, acaba de publicar um artigo sob o título "Pobreza merece coalizão mundial", no qual diz textualmente: "Nosso objetivo comum precisa ser o de erradicar a pobreza e promover a inclusão e a justiça social, visando integrar todos os marginalizados à economia e à sociedade mundiais." Ao longo do tempo as empresas, mesmo concorrentes, se organizaram em associações de forma corporativa na defesa dos seus interesses setoriais e regionais. Procuraram construir um

ambiente favorável às suas atividades. Essa organização, agora, deve estar também a serviço do desenvolvimento social, simplesmente porque esse é um fator importante para o sucesso dos negócios. A ONU estima que a aplicação anual de apenas 0,6% do PIB mundial seria suficiente para que toda a população pobre do planeta tivesse acesso à educação, saúde, alimentação e planejamento familiar. O World Watch Institute, de Washington, calcula que o custo total de um programa de seis anos para proteção do solo, reflorestamento, redução do crescimento populacional, renegociação da dívida dos países emergentes, aumento da eficiência energética e desenvolvimento de fontes renováveis de energia totalizaria cerca de 750 bilhões de dólares. Essa é a quantia que o mundo investe, por ano, em armamentos.

Somos cada vez mais moradores da mesma casa. O bem-estar de todos é fundamental para a paz e a vida em nosso planeta. Ao usar seu poder para criar um mundo ambientalmente sustentável e socialmente justo, as empresas estarão exercendo na plenitude sua responsabilidade social e ajudando a construir um mundo melhor -- e mais seguro -- para todos.

Oded Grajew, Guia Exame da Boa Cidadania